



Fotografia

Giselle Larizzatti Agazzi

Doutora em Literatura Brasileira pela USP
Professora universitária da UNIMES e UNIBR, Baixada Santista.

Para o fotógrafo.

Depois que virou lago, já foi mar

Tanta gente falando junto, sabia que era festa, mas via a solidão sentada do lado da gente, até do loiro, sempre posudo, cara de quem ganhou o prêmio do melhor vendedor do ano: cruzeiro de navio.

Todos eram alvos da noite, talvez do dia anterior, e dos que viriam, via-se na sobrançelha fechada, apesar do riso fácil. Tinha que se lembrar do romance de auto-ajuda, aquele último que dizia pra gente lembrar de que “somos felizes”, “estamos satisfeitos”, e tal. Lembrava, lembrava. Queria não saber do que via:

- Fiz o bolo de nozes, mas dessa vez, pra mudar um pouco, coloquei rum. Ficou bom?

O marido não quis responder, ela logo entendeu, que ele já se ia na madrugada calado como sempre, embora falasse tanto. Tanto.

O grupo antigo ouviu a campainha. Alívio geral, dava para interromper o esforço de ter que preencher os intervalos da música. Era o presente para a aniversariante: enfim, a foto que ela sempre quisera ter. Seria branca e preta, vinda na mão do amigo fotógrafo:

- Não acredito, finalmente. A foto!

Viu que ele ficou orgulhoso, todos falando que isso e aquilo e lembrando da última exposição dele. Menos mal, agora podiam falar da foto, a foto, foto.

- Então, gostou?

O amigo sempre soube que ela se alimentara da sua arte. Covardia, não querer a partilha.

- Também ampliei uma pra mim. E aí, pessoal, de que falavam?

Ele sabia que a pergunta era inconveniente. Não se falava de nada.

A ternura perdida.

Naquele dia, a mulher bebeu cachaça com caldinho de feijão “para lembrar dos tempos da adolescência”. Para acabar com o cansaço de mais um aniversário, mais um dia

Giselle Larizzatti Agazzi



finalmente ido, mais, mais, mais mas há a criança ainda pequena. É preciso persistir nos romances de auto-ajuda.

A vida até ali digerida cuidadosamente, escondida, controlada, votos na esquerda, que depois virou direita e nunca mais soube qual partido apoiar. Casamento duradouro, aventuras passionais, quantas, para aliviar o cotidiano e continuar a criar os filhos perdurados na mãe, nas irmãs, nos incapazes. E quem é capaz de estar em *felicidade clandestina*? Foi preciso forjar tantas paixões para compor aquela história agora vista assim, sem cor e sem brilho. Trabalho envolto na aura da contribuição para uma sociedade melhor, emancipada. Por que tantas coisas perderam-se? Não dá pra reconhecer que nunca nada teve sentido. Valeria a risada sonora kkkkkkkk.

Não neste momento, em que os ruídos se calaram. Política, amor, maternidade, tudo vivido à meia taça, mal realizado, experiências que não alteraram a permanente sensação de uma noite de insônia. Por...mais caldinho. Com o papo morno, alguém buscava a foto recostada na parede e:

- Puxa, mas que jóia, não?
- É, legal. Bonita. O enquadramento, pegando essa praia inteirinha. Puxa que vontade de entrar no mar.
- Pb é demais, né? Dá um efeito de coisa estática, uma beleza clássica.
- É. Olha as árvores acompanhando...

O rastro do trator na areia desenhando as curvas do caminho das garis. Os olhos viam o quê? A raiva já não podia ser mais filtrada pelo fígado:

são três mulheres

três garis pairam sobre o mar de areia da cidade de Santos

as três, cada uma com um, saco de lixo às costas.

Os olhos estão em algum lugar, refletando a manhã, para frente.

caminham de costas a uma distância de um ou dois metros uma da outra

nas cinturas há mais sacos de lixo que se insinuam como saias vibrantes

mini-saias acompanhadas pelas botas de trabalhadoras do dia, da noite

as mãos seguram firme o restelo

Os prédios da orla caindo sobre elas, sobre praia, sobretudo. De costas, como convém, elas vão, vem. Não tem ninguém por perto, só as três mulheres buscando o que virá do passado sujo.



Dá para imaginar como ficará a foto grande pb das três garis na praia de Santos pendurada em larga moldura de parede branca.

O silêncio. Agora a solidão passeava tranquila. A sensação de deslocamento esvaindo-se, nas faces assustadas.

Seria tão difícil parar de disfarçar que a prole vinha enganar as perdas? Admitir a pobreza da classe média, da baixa, da como é que é A+ B+ C- D- miseráveis. Todos menores abandonados.

O momento era perigoso. Venha mais e muita distração, pra não morrer da saudade de se ter perspectivas. Do tempo em que qualquer coisa podia ser sentida antes que se aprendesse a lição de interceptar os sentidos, enfraquecendo-os, até serem suportados por uma teia de raciocínio fácil, frágil, colocado em novos discursos, figurativos, inebriantes.

Do outro lado, situações humanas, em que o corpo se enterra, tremido, suado, vivo. Deste lado, há a pior das mortes, porque não anunciada.

E por que a olhavam? Julgavam-na?

Talvez fosse o meu meio sorriso no rosto da mulher aniversariante, a testa já não ia mais enrugada, nem se lia o traço fundo dividindo os olhos.

Presumia seguramente a liberdade.

Segurou-se em pé, enquanto o marido remexia os gelos no copo. Cara de paisagem, mas sem gosto de água salgada. Esperou minutos e saiu andando, como se carregasse pesado saco de lixo às costas. Desceu pelas escadas desacompanhada. Na rua vazia, imaginava que se conseguisse assumir a náusea não teria que se explicar.

Ao cair o saco no chão, o cheiro do mar invadiu a rua sob a miserável luz das lâmpadas. Era possível elegantemente voltar, deixar bilhete e partir.

A idéia era boa. Era viável. Era. Já tinha lido no jornal casos deste tipo.

Mas o incômodo da memória crescia. A criança estendendo a mão. Por menos de um segundo, sentiu a dor intensa da lembrança da criança rabiscando na folha e depois estendendo a mão para dar-lha de presente. Linhas preenchidas com lápis, a obra de arte.

Respirou a noite escura e pressentiu o ipê cor de rosa. Teve saudade da época em que ainda sabia cantar.

